

**RE**ENCONTRO  
literatura

# **As mil e uma noites**

*Tradução e adaptação em português de*  
**Julieta de Godoy Ladeira**

*Ilustrações de*  
**Felix Reiners e  
Agostinho Gizé**



editora scipione

*Responsabilidade editorial*  
Sâmia Rios

*Edição*  
Maria Cristina Simi Carletti  
*Assessoria editorial*  
Suely Mendes Brazão

*Revisão*  
Maria Luiza Xavier Souto  
e Thiago Barbalho

*Coordenação de arte*  
Maria do Céu Pires Passuello

*Diagramação*  
Marcos Dorado dos Santos

*Programação visual de capa e miolo*

Didier Dias de Moraes

*Ilustração de capa*  
Felix Reiners

*Ilustrações de miolo*  
Agostinho Gizé

*Vinhetas*  
Mariângela Haddad



**editora scipione**

---

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400  
Freguesia do Ô  
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE  
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br  
e-mail: atendimento@scipione.com.br

---

2013

ISBN 978-85-262-4736-9 – AL

ISBN 978-85-262-4737-6 – PR

Cód. do livro CL: 734331

12.<sup>a</sup> EDIÇÃO

12.<sup>a</sup> impressão

*Impressão e acabamento*

Traduzido e adaptado de *Les mille et une nuits*, contos árabes tradicionais, traduzidos por Joseph Charles Mardrus, editora Robert Laffont, Paris, 1983; consulta e adaptação de *As mil e uma noites*, contos árabes, Lello & Irmãos Editores, Portugal.

• ● •

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ladeira, Julieta de Godoy

As mil e uma noites / adaptação em português de Julieta de Godoy Ladeira. – São Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

97-0004

CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5  
2. Literatura juvenil 028.5

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger  
e impresso em papel Offset 75g/m<sup>2</sup>.

# SUMÁRIO

<i>Quem criou As mil e uma noites?</i> . . . . .	5
Capítulo I – História do rei Shariar e de seu irmão, o rei Shazenan . . . . .	7
Capítulo II – Fábula: O burro, o boi e o lavrador . . . . .	17
Capítulo III – O Mercador e o Gênio . . . . .	23
Capítulo IV – Um estranho acordo . . . . .	25
Capítulo V – Era uma vez a corça. . . . .	28
Capítulo VI – O vitelo encantado . . . . .	30
Capítulo VII – O velho dos cães pretos . . . . .	32
Capítulo VIII – De Simbad, o Marujo. . . . .	35
Capítulo IX – Simbad e o cavalo do mar . . . . .	39
Capítulo X – A ilha de diamantes . . . . .	42
Capítulo XI – Simbad e os elefantes. . . . .	47
Capítulo XII – Vencendo os perigos. . . . .	52
Capítulo XIII – Uma estranha pescaria . . . . .	54
Capítulo XIV – Paixão e ciúme. . . . .	58
Capítulo XV – Os filhos do sultão do Egito . . . . .	61
Capítulo XVI – Aventuras de Bedredin Hassan. . . . .	66
Capítulo XVII – A troca de noivos . . . . .	70
Capítulo XVIII – Depois do amor. . . . .	74
Capítulo XIX – Encontro em Damasco . . . . .	79
Capítulo XX – Por uma torta sem pimenta . . . . .	84
Capítulo XXI – O barbeiro de Bagdá . . . . .	90
Capítulo XXII – A vingança de Alnashar . . . . .	94
Capítulo XXIII – O príncipe Camaralzamão. . . . .	97
Capítulo XXIV – A princesa da China . . . . .	100

Capítulo XXV – Rolam na China cento e cinquenta cabeças . . . . .	104
Capítulo XXVI – A descoberta de Marzavão . . .	106
Capítulo XXVII – O príncipe arrisca a vida. . . .	111
Capítulo XXVIII – Um talismã separa os amantes . . . . .	116
Capítulo XXIX – Como a princesa Badure tornou-se o “rei” de Ébena . . . . .	117
Capítulo XXX – O reencontro dos príncipes e o destino de Sherazade . . . . .	121
<i>Quem foi Julieta de Godoy Ladeira?</i> . . . . .	128

## QUEM CRIOU AS MIL E UMA NOITES?

Uma caravana passa com seus camelos por um oásis, em meio ao deserto. Um grupo de dançarinas, com roupas coloridas e transparentes, os rostos semiocultos por véus, prepara-se para iniciar a sugestiva dança do ventre. Numa noite quente de luar, paira no ar o suave e envolvente perfume de jasmim.

Estas são algumas cenas que invadem a imaginação do leitor de *As mil e uma noites*, vasta coletânea de contos populares árabes, que constituem um monumento da literatura oriental.

Documentos dos séculos IX e X atestam que o fio narrativo dessa obra, isto é, o artifício usado por Sherazade ao narrar as histórias, bem como os temas de vários desses relatos, tiveram origem num certo livro persa já desaparecido, chamado *Hazar Afsanah*.

Com o passar do tempo, de geração a geração, dezenas de outros contos, não mais exclusivamente de origem persa, mas em geral árabe, foram acrescentados á obra. O livro não foi, portanto, criado por um determinado autor, com um certo objetivo. A sua lenta e variada formação fez com que ele adquirisse diversas características de todo o mundo árabe e seu rico folclore.

As histórias fantásticas de *As mil e uma noites* propiciam uma visão geral dos costumes, da religião e do próprio espírito dos povos do Oriente. Em suas páginas desfilam, com ligeiras variações de tema e linguagem, ricos sultões e vizires em seus suntuosos palácios; as cidades milenares – como Cairo, Bagdá e Damasco –, com suas ruas estreitas, onde vivem incontáveis mercadores de tecidos e tapetes; os costumes sociais e religiosos, cerimônias de casamento, o ritual das orações diárias, o cotidiano das mulheres sempre protegidas por eunucos.

E, por trás de tudo isso, a presença constante do espírito árabe: o gosto pela aventura, o humor simples e ingênuo, o senso de justiça, a certeza de que o bem vence o mal e, principalmente, a fantasia que enfeita e facilita a realização de muitos dos seus sonhos.

A riqueza da obra provém justamente de ter crescido através dos séculos: os eventuais contistas empenharam-se em fazer com que seus textos delineassem um extenso painel das civilizações árabes.

Hoje, por meio da história comparada dessas civilizações, já se pode atribuir certa cronologia aos contos de *As mil e uma noites*. É quase certo serem do século X as histórias de Shariar e Shazenan – que constituem a introdução do livro. Já os contos de Simbad, o Marujo, parecem mais antigos. A grande maioria das narrativas, porém, teria sido escrita entre os séculos XI e XIV, poucas sendo produzidas nos séculos XV e XVI.

Em conjunto, os contos legendários de *As mil e uma noites* encerram uma mensagem positiva, algo que os antigos queriam transmitir a seus descendentes como lições de conduta, de vida e de amor.

# Capítulo I

## **História do rei Shariar e de seu irmão, o rei Shazenan**

**D**izem as crônicas dos antigos sultões da Pérsia, que aumentaram seu império com a conquista das índias, de ilhas e terras que iam muito além do Ganges, chegando até a China, que existiu antigamente um sultão diferente de todos os outros. Os vassallos o amavam por sua prudência, coragem e sabedoria. Os vizinhos o temiam, pensando em suas tropas bem disciplinadas.

Esse sultão tinha dois filhos. Tanto o primeiro, seu herdeiro, Shariar, como o outro, Shazenan, também eram, por suas qualidades, admirados pelo povo.

Após longo reinado, morrendo o sultão, Shariar o substituiu. Seu irmão Shazenan recebeu como herança a Tartária e foi governá-la. Deixou então o reino, passando a residir em Samarcanda.

Depois de dez anos, desejando muito rever o irmão, Shariar enviou um primo, que era vizir, isto é, ministro, com grande comitiva, para convidar Shazenan a visitá-lo.

O vizir e sua comitiva foram recebidos com a maior alegria por Shazenan e por todos os príncipes de sua corte.

Shazenan pensou no convite e, como seu reino se encontrava em paz, achou que podia se ausentar. Em alguns dias estaria pronto para a partida.

Ordenou então que armassem diversas tendas para as pessoas da comitiva do vizir e servissem a todos as

melhores tâmaras e refrescos. Além disso, ofereceu ao primo presentes do maior valor.

Antes de deixar a Tartária, Shazenan tratou dos negócios mais urgentes, nomeou um Conselho para governar em sua ausência e despediu-se da mulher. Ao cair da tarde saiu de Samarcanda. Toda a equipagem já se encontrava nas tendas, fora da cidade.

Mas, pouco antes do amanhecer, com saudade da mulher, Shazenan resolveu voltar ao palácio, para dar à sua favorita um último adeus. Foi só.

Ao clarão das tochas, que nunca se apagavam nos quartos dos príncipes, viu sua mulher abraçada a um dos oficiais inferiores da casa. Sem poder acreditar, Shazenan ficou por instantes em silêncio, imóvel.

Como *Khan* (ou imperador) da Tartária, ele costumava punir maldades e injustiças cometidas em seus domínios. Como marido, queria apagar da terra essa ofensa. Aproximou-se da cama e, com sua espada, matou os dois, atirando-os no fosso que cercava o palácio.

Uma vez vingado, saiu da cidade, voltando para a tenda do vizir, seu primo. Não contou a ninguém o que houve, nem o que fez. Mandou que recolhessem as barracas para partir. Ao amanhecer, soaram tímbalos e outros instrumentos, em geral alegres, mas não animaram o *Khan* da Tartária, nem nesse momento, nem em toda a viagem, que ele suportou com profunda melancolia.

Perto da capital das índias viu caminhar a seu encontro o sultão Shariar, que se aproximava com os grandes da corte para recebê-lo. Os irmãos desceram dos cavalos para se abraçar. Trocaram gestos de saudade, de ternura. Voltando às montarias, entraram na cidade sob aclamações e foram para o novo palácio, mandado construir especialmente para a visita, onde ficariam próximos um do outro.

Os palácios se comunicavam através de magnífico jardim, construído para festas e divertimentos da corte.

Shariar deu tempo para o banho e o descanso do irmão; depois voltou a procurá-lo e conversaram por muitas e muitas horas. Havia tanto o que dizer depois de dez anos. Compreendendo isso, os cortesãos se afastaram, deixando que os irmãos aproveitassem bem esses primeiros instantes do reencontro.

Conversaram durante a ceia e depois dela. Percebendo depois a noite adiantada, separaram-se. Cresceu então o tormento de Shazenan.

Ao lado do irmão, sentira um pouco de paz. Mas agora, só, não conseguia dormir. A cena da mulher com o oficial voltava cem vezes a seu pensamento, de modo tão vivo como se a estivesse revendo. A tristeza com que apareceu pela manhã foi logo notada pelo irmão. Ele pensou: “O que terá o *Khan* da Tartária? Qual será a causa dessa amargura? Aqui está sendo recebido com amor e todas as honras. Será a mágoa por ter se afastado da mulher e de suas terras?”

Imaginando ser essa a razão, Shariar resolveu antecipar a entrega dos presentes que desejava oferecer, deixando o irmão à vontade para regressar a Samarcanda. Os presentes continham tudo o que as índias produziam de mais raro, de mais rico e original.

Mas, apesar de sua tristeza, Shazenan não partiu logo. Dias depois, para distraí-lo, o sultão organizou uma grande caçada, mas Shazenan pediu para ficar no palácio, pois não se sentia disposto a acompanhar Shariar. Não querendo constrangê-lo, deixando por sua causa de ir à caçada, o sultão partiu com toda a corte.

Vendo-se só, o *Khan* da Tartária encerrou-se em seus aposentos. Das janelas olhava o jardim, ouvia os pássaros.

Em outras condições, apreciaria bastante toda essa beleza, mas não conseguia esquecer a dor daquela madrugada em Samarcanda.

De repente, viu que ao lado, no palácio do irmão, uma porta se abriu para o jardim e dela saíram vinte pessoas. Reconheceu, no meio delas, a sultana, sua cunhada, de porte inconfundível. Pensando que o *Khan* da grande Tartária também estivesse caçando, as pessoas aproximaram-se, sem cerimônia, de sua janela. Shazenan procurou se ocultar, para não ser visto. Notou que os acompanhantes da sultana descobriam o rosto sem nenhum constrangimento e largavam os vestidos longos que usavam sobre outros, bem mais curtos. Percebeu então haver dez mulheres e dez negros, que tomaram, cada um, sua amante. Também a sultana não ficou muito tempo só: bateu palmas, chamando: “**Masoud, Masoud!**” –, e logo desceu outro negro de uma árvore, correndo para ela.

Não é preciso explicar o que se passou entre aquelas mulheres e os homens. Shazenan viu o bastante para julgar que seu irmão teria tantos motivos para se lastimar quanto ele. No jardim, os divertimentos duraram até a meia-noite. Por fim, banharam-se todos no tanque ornamental, vestiram-se e tornaram a desaparecer pela porta secreta de onde saíram. Masoud, que viera de fora, por cima da muralha do jardim, voltou pelo mesmo caminho.

O *Khan* da Tartária passou então o resto da noite refletindo: sua desgraça não era tão singular. Sem dúvida, era esse o destino de inúmeros maridos. Até seu irmão, o maior príncipe do mundo, era traído. Shazenan resolveu não mais se angustiar. Concluiu: “As situações sem remédio não devem perturbar o descanso de nossa vida”.

Como ainda não jantara, pediu que colocassem a mesa e comeu com grande apetite, como ainda não fizera

desde que deixara Samarcanda. Durante o jantar, ouviu com prazer a música de um concerto.

Dias depois, ao saber que o sultão voltava da caçada, foi a seu encontro com ar alegre. Shariar não reparou logo na transformação do irmão. Falou o quanto sentiu sua falta, mostrou a caça abatida e depois ouviu, pela primeira vez, Shazenan contar histórias da Tartária, com o mesmo espírito de quando eram jovens.

O sultão, que esperava encontrar Shazenan triste como o deixara, alegrou-se vendo-o tão diferente, tão jovial. Perguntou se podia contar a causa da mágoa com que chegara e a razão de a ter afastado assim. A seguir, para demonstrar a sinceridade de sua satisfação por ver o irmão livre daquele ar sombrio, perguntou o que podia oferecer de seu reino. Queria dar-lhe o presente mais valioso para comemorar aquela felicidade. Mas, antes, desejava saber o que acontecera.

Shazenan narrou a madrugada em que deixara a Tartária.

– Oh, meu irmão – murmurou Shariar –, foi uma ação justa. Confesso que em seu lugar eu sacrificaria mais de uma mulher à minha raiva. Já não estranho mais a aflição com que o vi chegar. Devemos louvar Alá por essa consolação.

Mas Shariar continuou insistindo, queria saber o que mudara com tanta rapidez o estado de espírito do irmão. Shazenan não sabia como começar, mas acabou contando a cena do jardim. Ao terminar, disse ao irmão que um homem não podia ser tão fraco a ponto de fazer seu destino depender da fidelidade de uma mulher. Mas o sultão não acreditava no que ouvia. A sultana das índias, se prostituindo de modo tão indigno? Teria que ver com os próprios olhos.

Shazenan entendeu a dúvida e a indignação do irmão, e sugeriu que ordenasse nova caçada.

– Deixaremos a cidade com toda a corte. Depois voltaremos, sós, para meus aposentos.

Aprovado pelo sultão o estratagema, saíram para outra caçada com toda a comitiva. À noite, Shariar ordenou ao grão-vizir que fizesse as honras em sua ausência e, sem que percebessem, voltou ao palácio com o irmão. Entraram disfarçados.

No dia seguinte, também da mesma janela, o sultão viu as dez mulheres e os dez negros no jardim, e a sultana chamou Masoud, repetindo com ele aquelas cenas. Convidado de sua desgraça, de sua vergonha, Shariar convidou o irmão a abandonar, com ele, todo o esplendor que os cercava. Queria uma vida obscura, em reinos estranhos. Shazenan hesitou um pouco, mas vendo o desespero do irmão, acabou concordando. Resolveram só voltar a seus reinos se encontrassem neste mundo alguém mais infeliz do que eles.

Deixaram o palácio e seguiram por caminho contrário ao que fizeram, evitando assim encontrar os companheiros de caça.

Andaram durante alguns dias, à noite adormecendo sob as árvores. Certa manhã, ouviram um estrondo e um grito espantoso os assustou. Olharam o mar: abriam-se as águas e uma estranha coluna negra dali se levantava, perdendo-se entre as nuvens. Escondendo-se, os dois, no alto de uma árvore, enxergaram um gênio maligno, de altura descomunal, sair das águas, mantendo, sobre a cabeça, uma caixa de vidro com sete fechaduras de aço. O gênio entrou no bosque e depositou a caixa exatamente embaixo da árvore onde os irmãos se encontravam imóveis, certos do perigo que corriam.

